



O encontro com Bacon na composição do *De ratione*¹

Manuela Sanna

Istituto per la Storia del Pensiero Filosofico e Scientifico Moderno, Via Porta di Massa, 1 - 80133, Napoli, Italia. E-mail: sanna@ispf.cnr.it

RESUMO. Este artigo analisa uma das mais importantes fontes de Vico, Francis Bacon, e as asserções teóricas que os aproximam. Memória e Engenho, medicina da alma e do corpo, método de estudos e poesia são temas importantes que aproximam ambos os filósofos, profundamente engajados no campo da teoria do conhecimento, em sintonia com o pensamento europeu.

Palavras-chave: Vico; Bacon; engenho.

The encounter with Bacon in the composition of *De ratione*

ABSTRACT. The essay analyzes one of the most important Vico's sources, Francis Bacon, and the theoretical assonances that get him closer to Vico. Memory and Ingenuity, medicine of the mind and body, method of studies and poetry are important themes that bring the two philosophers closer, deeply engaged in the field of knowledge theory, in line with European thought.

Keywords: Vico; Bacon; ingenuity.

Received on April 23, 2020.

Accepted on July 3, 2020.

Introdução

A preleção inaugural lida por Vico em 1708 e publicada em 1709, única a ter sido publicada, abre-se justamente com a citação de Francis Bacon – “[...] homem três vezes grandíssimo [...]” (Vico, 2010, p. 147) com cuja lembrança o *De ratione* se encerra – e com a referência aos ares de novidade que o filósofo inglês tinha ventilado nas novas artes e nas novas ciências. ‘Moderno’ por antonomásia, Bacon representa para Vico o descobrir de um mundo das ciências ainda inédito, e ao mesmo tempo o profanador da finitude do conhecimento humano. “Pavimentar o mar com pedras, velejar os montes e outras coisas vetadas por natureza [...]” (Vico, 2010, p. 25) foi o ato de *hybris* no qual o inglês incorreu, por querer desejar desmedidamente o aumento do conhecimento; tudo segundo o programa do *De dignitate et augmentis scientiarum*, tradução latina ampliada de 1623 quase 20 anos posterior a publicação do *Advancement of learning* (1605), volume para Vico seguramente inacessível. Texto presente, precisamente na sua versão latina, na coletânea das obras baconianas impressa em Frankfurt em 1665 e que tem lugar na coleção napolitana dos Gerolomini (Bacone, 1665), com muita probabilidade consultada por Vico. O fato de que Vico caia em um equívoco – como sublinhado por toda a crítica – na interpretação daquilo que cita como *Cogitata et visa*, erroneamente traduzido por ‘Coisas pensadas e coisas vistas’, quando se trata simplesmente de ‘pensamentos’ e ‘conclusões’ do tratado do *Novum organum* de 1620, leva a concluir que provavelmente Vico não o tivesse lido. Mas se ele não pôde ler esse livro e acabou por ignorar que se tratasse do título de uma parte depois assimilada da obra baconiana, o mesmo não se pode dizer do *De augmentis* (Bacone, 1986)², que por Vico parece ser totalmente conhecido³. Em todo caso, Bacon acabou por representar idealmente para Vico o caráter sintético do nexa entre o particular e o universal⁴, do movimento segundo o qual a filosofia se faz filologia, segundo “[...] o ‘método’ de filosofar de *Verulamio*, que é *cogitare, videre*” (Vico, Cristofolini, & Sanna, 2013, p. 96, grifo do autor).

¹ Tradução de Vladimir Chaves dos Santos* e Susylene Batista de Oliveira. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: vcsantos@uem.br

² De agora em diante *De augmentis*.

³ A ponto de incitar os leitores do *De mente heroica* a compartilhar com ele os prazeres dessa leitura: “[...] lede o áureo *De augmentis scientiarum* do grande Verulamio, um livro que, à exceção de pequenos detalhes, deve estar sempre diante dos olhos e como ponto de referência; e considerai o quanto da esfera das ciências resta hoje para corrigir, completar e descobrir!” (Vico & Nanetti, 2014, p. 75).

⁴ De Mas (1959, p. 507, grifo do autor), sublinha como a figura de Bacon representa “[...] a simbolização humanista da síntese do espírito grego e do romano elaborada, ‘eminente’, na Inglaterra no século XVII”. Bacon torna-se símbolo da síntese entre filosofia e filologia, e sobretudo exemplo máximo da Modernidade, representada pela universalidade do saber.

Bacon e Vico

A primeira referência a Bacon presente nas obras de Vico é justamente no *De ratione* (Vico, 2010); então, é de se pensar que a leitura do ‘Verulâmio’ ocorra entre 1707 e 1708, e que somente depois dessa data Vico conseguiu fazer emergir com manifesta consciência o nexos entre filosofia e filologia. Tanto que chama a atenção na preleção de 1708 uma verdadeira inflexão, que o levou a publicar tão somente essa entre todas as preleções, porque continha não tanto, ou não apenas, uma mensagem aos jovens estudantes, quanto sobretudo um programa de renovação científica e didática. Na *Autobiografia* (Vico, 1990), Bacon é citado cinco vezes, sempre como autor do *De augmentis* e do *De sapientia veterum*, mas já na quinta preleção de 1705 parece bastante direta a referência a Bacon sobre o argumento relativo à correspondência entre a glória militar e o florescimento da cultura literária⁵, um pouco antes da irrupção da figura e do pensamento de Grócio em sua vida.

A propaganda sistemática da parte de Bacon do *organum* como *inventio rerum* em oposição à analítica⁶, é aprofundada por Vico na *Ciência nova* (Vico, Cristofolini, & Sanna, 2013), alinhavando uma discussão sobre a relação entre ‘tópica’ e ‘crítica’:

[...] a ‘providência’ bem aconselhou as coisas humanas, ao promover nas mentes humanas primeiro a ‘tópica’, e depois a ‘crítica’; assim como primeiro é o conhecer, depois o julgar as coisas: porque a ‘tópica’ é a faculdade de tornar as ‘mentes engenhosas’, assim como a ‘crítica’ é de torná-las ‘exatas’; naqueles primeiros tempos tinha que se encontrar todas as coisas necessárias à vida humana, e o ‘encontrar’ é propriedade do ‘engenho’ (Vico, Cristofolini, & Sanna, 2013, p. 147, grifo do autor)

Torna-se central o tema da memória ligado à *inventio* como ‘encontrar’, e não como descobrir, pois para Bacon (1986, p. 260)

[...] inventar significa descobrir isso que não conhecemos, e não recordar ou evocar aquilo que já sabemos; e a função dessa invenção não é senão extrair e apresentar do conhecimento que já está em nosso espírito aquilo que pode interessar ao que estamos levando em consideração. Por conseguinte, para dizer a verdade, não é invenção, mas recordação ou sugestão e a sua aplicação.

O discurso de Vico, muito próximo, mas ainda mais extremo, liga a memória à atividade inventiva e particularmente engenhosa da mente humana, utilizando em parte também um léxico ciceroniano e estabelecendo que a memória é uma faculdade específica a serviço do engenho, capaz de construir verdades derivantes da *ars inveniendi*, na sua dupla acepção *di inventio* e *di invenire*, isto é, de inventar e de reencontrar. É evidente que Vico propõe, reunindo-os, múltiplos significados e fontes diferentes entre si, fontes clássicas, médicas, barrocas, distantes das propostas dos *Investiganti*⁷ (Vico & Crifò, 1989, p. 27). Mas foi de fato o próprio Bacon quem mostrou a Vico uma *ratio*, um *methodus* que é capaz de indicar ‘[...] as novas artes e as novas ciências, além daquelas que possuímos até aqui, e até que ponto é necessário desenvolver aquelas que já possuímos, a fim de que a sabedoria humana seja levada à completa perfeição’ (Vico, 2010, p. 23). E as invenções, enquanto descobertas técnicas, como a luneta, a bússola, o alambique, a pólvora, a imprensa ou os novos modelos arquitetônicos⁸, são frutos do engenho inventivo, mas também desenvolvimentos e ampliações de conhecimentos já adquiridos.

É atestado pela tradição que, embora Bacon tenha encarnado logo cedo o liame entre filosofia e filologia, Vico somente pôde escrever a *Ciência nova* (Vico et al., 2013) e ampliar seu horizonte no momento em que leu as obras de Grócio. A união entre verdadeiro e certo, individual e universal foi clara para Vico muito depois do contato com Bacon, porque foi Grócio quem a indicou, não antes de 1719. Isso fez de Bacon um autor não definitivo para Vico, mais precisamente uma fase de passagem, embora importante, mas ainda não o suficiente para mostrar o nexos verdadeiro-certo no âmbito específico do direito⁹. A assimilação do tema do conhecimento em Vico traz, com a introdução de Bacon, uma resolução – ou ao menos uma tentativa de resolução – da antítese interna entre Platão e Tácito: Bacon explicitamente atribui à Tópica

⁵ “Os Estados atingiram o ápice da glória militar e do poder de domínio somente quando foram deveras florescentes nas letras [...]” (Vico & Visconti, 1982, p.169); “A experiência comprova, assim como uns e outros homens, que o poderio militar e a glória máxima das artes floresce em um único e mesmo tempo” (Bacon, 1665, p.6)

⁶ Não se deve esquecer que o *organum* de Bacon não é análise, mas invenção (*inventio rerum*); e que a sua filosofia não é filosofia pura, mas filosofia nascida da experiência” (De Mas, 1959, p.527).

⁷ Sobre a tradição do conceito viquiano de engenho, permito-me remeter a Sanna (2001).

⁸ Trechos quase idênticos no *De ratione* (Vico, 2010, p. 33, p.57-59); *De antiquissima*, (Vico, 1971, I, IV); *De mente heroica* (Vico & Nanetti, 2014, p. 75); *Lettera a Gherardo degli Angioli*. 1725 (Vico, 1993, p. 122).

⁹ Fassò (1971, p. 67, grifo do autor): “É claro que Bacon, na ‘história’ do nascimento da ciência nova, não representou tudo isso que poderia ter representado, porque, mesmo convidando a conciliar a filologia com a filosofia, não atingiu a consideração universal da história”. Cf. também Giarrizzo (1981).

uma utilidade específica, aquela de mostrar “[...] lugares e indicações para a invenção e a pesquisa de todo conhecimento particular” (*De augmentis*, p. 262). Justo aquele Bacon que Vico provavelmente encontra nos últimos anos do século XVII e associa no *De ratione* (Vico, 2010) quase que exclusivamente à introdução do método indutivo, e em seguida ao tema da *sapientia veterum* (Fassò, 1971). Vale lembrar que Bacon será muito importante para Vico, mesmo depois do seu encontro no *De ratione* (Vico, 2010), e se ligará na *Ciência nova* (Vico et al., 2013) às formas cognoscitivas em geral, e mais especificamente ao conhecimento ‘presunçoso’. A proximidade efetiva do tema da Presunção parece mais que explícita referência, sugestão genérica ligada ao tema da superstição, colhida por Vico no interior de um conceito mais geral de Presunção: aquela mesma superstição baconiana que, “[...] sem um véu, é uma coisa disforme [...]” (Bacone, 1961, p. 128), do mesmo modo que as fábulas são em si véus, ‘involucra’. A derivação das presunções a partir dos aforismos baconianos¹⁰ é sobretudo uma sugestão digna de nota, mas nada mais, e isso é inegável também pelo nome que Vico decide dar a essas perversões, que é aquele de ‘presunções’, tão denso de significados e referências alheias às afirmações de Bacon¹¹.

A Tópica exprime a força que dirige a evolução humana desde a pré-história à civilização, dado que os *topoi* representam aquilo que nos levou a ser o que somos: com a ‘tópica’ o homem transcende a si mesmo e faz emergir a consciência de si, porque a *inventio* produz uma verdadeira e própria mutação da consciência de si¹². O definimento da ‘tópica’ e o advento da física mecânica proporciona – de acordo com Vico – uma reprovável desatenção em relação aos sintomas, enquanto sinais que um corpo lança em defesa de sua própria preservação: “[...] sempre, de fato, antes de cair na doença, a natureza prenuncia a futura ruína com algum sintoma” (Vico, 2010, p. 61)¹³. Recordar-se como o próprio Bacon tinha notado que:

[...] os Galênicos não conjecturavam as causas das doenças de maneira correta com o silogismo, assim como eu diria que os modernos não são melhores com o sorites. Pois, tal como quem discute com o silogismo não comunica nada de novo, porque tanto na premissa maior quanto na menor está já contida a conclusão, assim, quem afirma com o sorites não faz outra coisa senão desdobrar a verdade segunda que na primeira jaz implicada. Mas, as doenças são sempre novas e diferentes, assim como diferentes são sempre os enfermos (Vico, 2010, p. 61)¹⁴.

O emergir da potência e da significatividade do sintoma, do *techmerion*, é a via mais segura para combater a *ratio* do silogismo e do sorites, métodos inadequados na pesquisa da verdade, análogos ao comportamento daqueles que enquanto “[...] se preocupam com o teto da casa, descuidam perigosamente dos fundamentos” (Vico, 2010, p. 49). O exemplo médico termina por ser, tanto para Vico quanto para Bacon, o exemplo mais adequado da multiplicidade das formas – neste caso, as doenças –, que não podem de modo algum ser circunscritas e compreendidas de uma forma única e comum:

[...] estando assim as coisas, como não podemos demonstrar nada com o silogismo, cuja premissa maior consiste no gênero, e essas coisas não estão compreendidas no verdadeiro gênero, assim acerca das mesmas não podemos demonstrar nada de verdadeiro nem com o sorites (Vico, 2010, p. 63).

A conexão, em Vico e Bacon, entre o método heurístico (silogismo ou sorites) e pesquisa médica abarca o habitual paralelo entre o processo cognoscitivo e o exame dos sintomas que deriva da consagrada relação entre causas e sintomas relativos: o objetivo é encontrar uma concatenação de causas que justifique uma ‘definição’ correta do método depois do abandono da antiga medicina hipocrática (*De augmentis*, p. 246). ‘No que’ – precisa Vico, compartilhando essa convicção com uma considerável literatura contemporânea – “[...] as doenças do corpo e da alma correspondem e coincidem” (Vico, 2010, p. 59; *De augmentis*, p. 308). Em suma, a aplicação de um método indutivo, que para Bacon coincide com aquele inventivo (*De augmentis*, p. 263), e que recusa o conhecimento por silogismo que, em contraste com o primeiro, não é “[...] imediato, mas mediado” (*De augmentis*, p. 385). Aqui Bacon declara que se encontra em completo desacordo com os pensadores antigos e os modernos e que deposita esperança unicamente na aplicação do método indutivo, do qual é ainda desconhecida a força, porque até aquele momento seria derivado diretamente do exemplo silogístico, resultando, então, como forma de uma “[...] indução simples e quase pueril [...]” (*De augmentis*, p. 385), quando, ao contrário, poderia desenvolver o trabalho fundamental de “[...] recolher as informações das

¹⁰ Aqui, é indispensável o importante trabalho de De Mas (1978, p. 11-74).

¹¹ Cf. Sanna (2014, p. 17-30).

¹² Cf. também Luglio (2003, p. 63-77).

¹³ *Semper enim antequam in morbum corruat, aliquo futuram ruina signum portendit.*

¹⁴ *Galenicos non recte morborum causas sillogismo conicere Verulamius notabat; ita ego Recentiores non recte id ipsum Sorite praestare dixerim. Nam ut qui sillogismo contendit, nihil novi affert, quia in propositione, vel assumptione complexio continetur; ita qui Sorite confirmat, nihil aliud facit, quam explicat verum secundum, quod in primo latebat involutum. Atqui morbi semper novi sunt, et alii; ut semper alii sunt aegrotantes.*

coisas e fornecê-las ao intelecto” (*De augmentis*, p. 385)¹⁵. O diagnóstico médico e a consequente terapia não podem ser individuados – como também em Vico – nem com o silogismo nem tampouco com o sorites:

[...] com os modernos, uma vez que são mais explicativos, identificamos as causas; todavia, vamos levar mais em conta os sintomas e os diagnósticos e cultivemos a medicina conservativa dos antigos, na qual incluo a ginástica e a dieta, tanto quanto a nossa medicina curativa (Vico, 2010, p. 63).

Todos temas, no que concerne à recepção de Bacon, que permanecerão intactos e mantidos também nos anos seguintes, quando, escrevendo ao monsenhor Muzio di Gaeta, Vico enfatizava em 1737 que

[...] o maravilhoso *Organum* de Bacon de Verulâmio nos proporcionou tantas descobertas em Física e em Medicina, com o uso da Indução, para que se fizesse um estoque de particulares como histórias naturais, observações e experiências por meio da Síntese; de modo que se formem, depois, os Princípios gerais a serem examinados por toda extensão do seu gênero (Vico, 1993, p. 197-198).

Na virada epocal que a medicina do século XVII e XVIII enfrentou na Europa, Hipócrates foi revisitado à luz do cartesianismo e da escola dos *Investiganti*, e representou um verdadeiro ataque ao galenismo aristotélico, dogmático e desconhecido das descobertas derivadas dos estudos anatômicos. Tanto Vico, quanto Bacon utilizaram, assim, o exemplo da ciência médica como representativa de um novo modelo de ciência, que, antes de tudo, deveria reunir mente e corpo. A partir do *Parere* de Leonardo di Capua, em 1681, evidenciou-se o grave problema da conciliação entre ciência e fé.

Não por acaso, aqui, Vico encontra Bacon, que no *De augmentis* tinha diferenciado as duas faces da *inventio*, a retórica e a científica. O *exemplum* de tipo médico é ainda mais eficaz se se pensa na referência à diagnóstica presente na *Ciência nova* (Vico et al., 2013) e na alusão constante ao tema do ‘sintoma’ em relação ao método médico, tal como Vico o enuncia no *De ratione* (Vico, 2010). Um conceito amplo de diagnóstica, que utiliza métodos galênicos e matrizes aristotélicas e que permite uma reflexão sobre a relação partes/todo, que requeria naquele momento grande atenção, com a convicção da simetria entre as doenças do corpo e do espírito (Vico, 2010). Postulado que dá forma à abordagem do papel da eloquência, responsável pela evocação daquelas imagens corpóreas, únicas capazes de mover os ânimos do vulgo e de conduzir a uma finalidade positiva as perturbações do espírito (Vico, 2010).

Considerações finais

O confronto entre o método dos antigos e o método dos modernos resolve-se em uma consistente confiança na produtividade da nova *ars inventiva*; de fato, um dos maiores erros que obstam, segundo Bacon, o avanço do conhecimento é justamente o desencorajamento que pode comprometer a esperança de descobrir ainda algo de novo (*De augmentis*, p. 28): podemos, antes, esperar verossimilmente que “[...] reste ainda um grande número de invenções que [...] podem ser derivadas não só de operações desconhecidas, mas também da transferência, da combinação e da aplicação de operações já conhecida” (*Instauratio magna*, p. 618). Uma descrição análoga à definição de ‘engenho’ em Vico. Há sempre algo para se descobrir e inventar, algo para pôr em relação ou combinar diversamente: as variações são infinitas, porque o mundo – como recorda Vico no *De mente heroica* – é “[...] ainda jovem [...]” (Vico & Nanetti, 2014, p. 75)¹⁶ e não tolera a ideia de que o engenho deva se deter, que não possa encontrar novos elementos e crer ainda no futuro da humanidade. A identificação das vantagens e desvantagens derivadas do método dos antigos ou dos modernos é um tema importante para a juventude, porque serve para individuar exatamente o método que deve seguir a pesquisa da verdade: “A causa é vossa [...]” – exorta Vico o auditório de sua preleção acadêmica –: “[...] mesmo sabendo mais do que os antigos em alguns pontos, cumpre não saber menos em outros e ter um método para poder saber mais do que os antigos no conjunto” (Vico, 2010, p. 27). Outro erro igualmente importante que trava o progresso do conhecimento é “[...] a deveras apressada e peremptória redução do saber a artes e métodos [...]” (*De augmentis*, p. 164), que prenuncia inequivocamente uma especialização que impediu a construção de um conceito de Universidade dedicada às ciências e artes em geral (*De augmentis*), que, de fato, bloqueou todo o progresso ligado ao estudo do universal a favor do

¹⁵ Sobre a técnica silogística, vide ainda as considerações baconianas em Bacone (1986), *Aforismi sull'interpretazione della natura e sul regno dell'uomo*, XIII, XIV, XVII, XXIV, CV.

¹⁶ O tema da infância do mundo e das suas limitadas potencialidades concerne também à inserção da cultura grega na consideração da modernidade: “[...] os gregos eram ‘crianças’, a sua cultura era vizinha ao mundo das fábulas e dos mitos, era pobre de história, ignorava a extensão da terra, incapaz de viagens e fechada no pequeno mundo das cidades. *Antiquitas saeculi iuventus mundi*: modernidade equivale para Bacon à consciência histórica, ao distanciamento das superstições, ao alargamento dos limites do mundo” (Bacone, 1986, p. 19, grifo do autor).

particular. O discurso sobre a Universidade e a *ratio studiorum* é onde se encontram mais intimamente ligados Bacon e o Vico, não só do *De ratione* (Vico, 2010), mas de todo o *corpus* das preleções inaugurais¹⁷. Declara-se o abandono de uma *philosophia prima* que garantia, na atividade especulativa, a elevação do homem graças ao aperfeiçoamento do conhecimento abstrato (*De augmentis*).

Inútil dizer que a composição de Vico é principalmente dedicada a discutir a reforma universitária do Reino de Nápoles, necessária na medida em que, para Vico, o ensino proposto aos jovens é “[...] de tal modo desordenado [...]” (*De augmentis*, p. 145) que não se sabe e não se pode avaliar as competências fornecidas pelas disciplinas singulares. Vico lamenta nessa circunstância a ruptura – que a Universidade proporciona aos alunos – daquele nexos entre *universalitas* e *pars* característico daquela enciclopédica *philosophia* por ele pensada. Aqui, evidentemente está em jogo também o tema da aliança entre arte mecânica e saber geométrico, enquanto ciências que ‘constroem o seu objeto’¹⁸ e que, ao fazê-lo, inauguram novas relações de entendimento entre a filosofia e as ciências. Assim, é a experiência que assume o papel mais importante nesse método de conhecimento, análogo à função que exerce o fio no labirinto de Dédalo:

Todas as invenções mecânicas as mais acuradas e engenhosas podem ser consideradas como um labirinto: pelas sutilezas e várias articulações, e pela óbvia semelhança, que deriva do fato de que não podem ser controladas e discriminadas pela reflexão, mas só mesmo pelo fio da experiência. Não menos justamente se diz que esse mesmo que inventou os descaminhos do labirinto mostrou também a conveniência do fio. De fato, as artes mecânicas são de uso ambíguo, podem produzir o mal e o remédio, muitas vezes seu poder desfez a si mesmo e se revelou (Bacone, 1665, p. 483).

Nesse labirinto baconiano – que é também recordado no *De ratione* com referência àqueles que, tendo introduzido o método geométrico na física, avançam tal “[...] como se fossem atados ao fio de Ariadne [...]” (Vico, 2010, p. 31) –, as capacidades inventivas e engenhosas são seguidas pelo fio condutor da experiência, não corrompida por hábitos e conveniências que fazem o homem preferir as faculdades judicativas e raciocinantes, menos desafiantes e criativas, mas também menos geradoras de progresso. Assim, a arte dialética resulta paralisante,

[...] considerada um obstáculo à descoberta de novas verdades pela sua escassa capacidade imaginativa, porque corta as asas da fantasia e impede o engenho em toda tentativa de imitar os fenômenos mais surpreendentes e prodigiosos da natureza (os *magnalia naturae*) (*De augmentis*, p. 545).

A esperança é depositada naquela ‘nova crítica’ que para Vico constitui o “[...] instrumento comum de todas as ciências e artes” (*De ratione*, p. 29).

O fio que salva do labirinto é metaforicamente o mesmo fio que salva a humanidade da barbarização, que no período da composição do *De ratione* (Vico, 2010) não é ainda iminente em toda fase histórica, mas ameaça que pode ser debelada pelo valor progressivo da cultura, por Bacon fortemente inspirado no modelo ovidiano, segundo o qual ‘ter aprendido fielmente as artes liberais adoça os costumes e evita a selvageria’ (Ovidio, 1989, 9: 47)¹⁹. O argumento principal é, tanto em Vico, quanto em Bacon, a força exuberante da Poesia, enfraquecida e inibida por uma *ratio* que “[...] ofusca a fantasia e anula a memória [...]” (Vico, 2010, p. 79), se ensinada aos jovens antes da arte crítica; de grande valia, ao contrário, se oferecida depois do reforço do uso da fantasia e da memória. Forma de saber ligada ao uso da faculdade imaginativa, a poesia, para Bacon “[...] serve e contribui à magnanimidade, à moralidade e ao prazer. Por isso, sempre se pensou que participasse de algum modo do divino [...]” (*De augmentis*, p. 217)²⁰, forjando ações maiores do que aquelas narradas pela história. É a Poesia que proporciona a civilização e a saída do estado de barbárie, ainda que prevaleça paradoxalmente, como indica Vico, nos períodos sombrios, justamente porque é ligada a uma exuberância do uso da memória, da fantasia, da *inventio* e do engenho. Assim, também para Bacon, a Poesia é forma presente em larga medida nos períodos bárbaros:

[...] sabemos que por sua capacidade de insinuar-se e pela sua concordância com a natureza e o prazer do homem, associada à união e conformidade com a música, ela infiltrou-se e gozou de estima nas épocas rudes e nas regiões bárbaras em que era excluída qualquer outra forma de cultura (*De augmentis*, p. 217).

¹⁷ “Temas e apontamentos baconianos encontram-se na superfície e no fundo das primeiras preleções de Vico” (Giarrizzo, 1981, p. 68).

¹⁸ Rossi (1979, p. 84, grifo do autor): “A aliança entre as artes mecânicas e a geometria como formas de saber que ‘constroem seu objeto’ mostra a presença, também, em Leibniz, da tese fortemente operante na cultura do século XVII da identidade entre conhecer e construir. Essa tese, como é sabido, era ligada (em Bacon, Descartes, Mersenne, Gassendi, Hobbes) a um modo novo de conceber a relação entre a natureza e a arte”.

¹⁹ Cf. *De augmentis*, p. 187: “[...] o saber elimina a ferocidade, a barbárie e a crueldade do espírito dos homens”.

²⁰ Cf. Vico & Visconti (1982, I).

Aqui, no *De ratione*, a sinonímia alcança um ponto firme na teoria viquiana: “[...] a memória, a qual, se não coincide com a fantasia, é pelo menos quase a mesma coisa” (Vico, 2010, p. 39).

Essa nova forma de crítica deve exprimir-se, para Bacon, na *ratio studiorum*, evitando com bastante cuidado o “[...] enorme divórcio entre invenção e memória [...]” (*De augmentis*, p. 199), uma vez que na vida aos jovens será requerida uma mistura contínua de “[...] premeditação e invenção, de anotações e memória [...]” (*De augmentis*, p. 200), para poder-se enfrentar os afazeres práticos. Reencontrar e recordar são as bases de toda a descoberta técnica e de toda invenção, são um vínculo que não deve ser quebrado, são os pilares sobre os quais se construirá o território compartilhado entre fantasia, memória e engenho, autêntico espaço do agir humano pensado por Vico.

Referências

- Bacon, F. (1620). *Instauratio magna*. Londini, apud B. Nortonium & Joannem Billium.
- Bacone, F. (1665). *Opera omnia*. Francofurti ad Moenum, DE: Joannis Baptistae Schonwetteri.
- Bacone, F. (1961). Della superstizione. In F. Bacon, A. Guzzo & C. Guzzo (Eds.), *Saggi* (p. 86-142). Torino, IT: Utet.
- Bacone, F. (1986). *Scritti filosofici [De augmentis]* (A cura di P. Rossi). Torino, IT: Utet.
- De Mas, E. (1959). Bacon e Vico. *Filosofia*, X(IV), 505-559.
- De Mas, E. (1978). Vico e Bacon. In G. Tagliacozzo (Ed.), *Vico e l'instaurazione delle scienze* (p. 51-130). Lecce, IT: Messapica.
- Di Capua, L. (1681). *Del parere del signor Lionardo Di Capua divisato in otto Ragionamenti ne' quali partitamente narrandosi l'origine e progresso della medicina*. Napoli, IT: Bulifon.
- Fassò, G. (1971). *Vico e Grozio*. Napoli, IT: Guida.
- Giarrizzo, G. (1981). La politica di Vico. In G. Giarrizzo, *Vico, la politica e la storia*. Napoli, IT: Guida Editori.
- Luglio, D. (2003). Sentimento del vuoto e memoria dell'assenza. La presenza di Vico nella poetica ungarettiana. *Revue des études italiennes*, 49(1-2), 63-77.
- Ovidio Nason, P. (1989). *Espitolarum ex ponto: liber II*. Firenze, IT: Felice Le Monnier.
- Rossi, P. (1979). *I segni del tempo. Storia della terra e storia delle nazioni da Hooke a Vico*. Milano, IT: Feltrinelli.
- Sanna, M. (2001). *La 'Fantasia, che è l'occhio dell'ingegno'. La questione della verità e della sua rappresentazione in Vico*. Napoli, IT: Guida Editori.
- Sanna, M. (2014). Borie e immaginazione di cose lontane e distanti. In R. Diana (Ed.), *Le 'borie' vichiane come paradigma euristico: hybris dei popoli e dei saperi fra moderno e contemporaneo* (p. 17-30). [sl]: Istituto per la storia del pensiero filosofico e scientifico moderno - National Research Council.
- Vico, G. B. (1971). *De antiquissima italorum sapientia* (1708) [*De antiquissima*]. In G. B. Vico, N. Badaloni & P. Cristofolini (Eds.), *Opere Filosofiche* (p. 55-130). Firenze, IT: Sansoni.
- Vico, G. B. (1993). Lettera a Gherardo degli Angioli. 1725. In G. B. Vico & M. Sanna (Eds.), *Epistole: con aggiunte le epistole dei suoi corrispondenti* (p. 113-176). Napoli, IT: Morano.
- Vico, G. B. (2010). *De nostri temporis studiorum ratione [De ratione]* (A cura di A. Suggi). Pisa, IT: Ets.
- Vico, G. B., & Battistini, A. (1990). *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo (1725-1728) [Autobiografia]*. In G. B. Vico, *Opere* (Vol. I). Milano, IT: Mondadori.
- Vico, G. B., & Nanetti, E. (2014). *De mente heroica*. Pisa, IT: Ets.
- Vico, G. B., & Visconti, G. (1982). *Orazioni inaugurali I-VI*. Bologna, IT: Il Mulino.
- Vico, G. B., Crifò, G. (1989). *Institutiones oratoriae*. Napoli, IT: Istituto Suor Orsola Benincasa.
- Vico, G. B., Cristofolini, P., & Sanna, M. (2013). *La scienza nuova 1744*. Roma, IT: Edizioni di Storia e Letteratura.